



CAPÍTULO 1

O IMAGINÁRIO DAS FAVELAS

Adriana Portella

Professora Associada

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Pelotas

adrianaportella@yahoo.com.br



CAPÍTULO 1 | O IMAGINÁRIO DAS FAVELAS

Este capítulo trata do modo com que percebemos as favelas, tocando nos conceitos de percepção, cognição e imaginário urbano. Busca-se analisar a importância da arquitetura das favelas como representante da ‘cidade colagem’ mais original existente no Brasil. As discussões aqui apresentadas partiram da análise fotográfica de favelas do Rio de Janeiro, tendo como objetivo extrair a significância do lugar, a partir de meios de representação gráfica através da técnica a nanquim à mão livre. A justificativa concentra-se na necessidade de explorar a importância da riqueza arquitetônica e ambiência urbana das favelas no Brasil, a fim de demonstrar, através de meios de expressão gráfica, os elementos simbólicos que constituem essas paisagens as quais, muitas vezes, acabam sendo marginalizadas pelo poder público e também pela academia. Diferentes fotografias de favelas foram retratadas por alunos de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, cujos resultados identificam elementos caracterizadores do imaginário das favelas e poderão servir de subsídios para futuros trabalhos no campo do simbolismo urbano e da cognição ambiental.

Palavras-chave: favela; simbolismo; cognição; desenho; colagem.

Percepção e cognição - realismo versus simbolismo

Dentro da temática deste estudo é importante ter o entendimento de como o imaginário urbano é formado. Tal viés inicia nossa discussão pelos processos de percepção e cognição.

Como já identificado pela literatura da psicologia ambiental (Fischer, 1997; Golledge & Stimson, 1996; Bartuska & Young, 1994; Passini, 1992; Nasar, 1988; Lang, 1988), o processo de apreensão do ambiente urbano envolve duas etapas, as quais são consideradas neste estudo como complementares: a de percepção e a de cognição. A distinção existente entre percepção e cognição é de que a primeira se caracteriza por ser o processo pelo qual o indivíduo obtém as informações do ambiente em que está inserido e está relacionada a uma experiência imediata e dependente de um estímulo sensorial; a segunda não envolve, necessariamente, um comportamento imediato e não necessita estar relacionada diretamente ao que está acontecendo no ambiente. Ainda, a percepção remete à sensibilização sensorial, provocada no observador pelos atributos morfológicos dos objetos formadores da paisagem urbana. Enquanto isso a cognição implica a associação desses atributos a significados gerados a partir da cultura, dos valores e da experiência prévia do indivíduo. O produto final desses dois processos - percepção e cognição- é a representação mental que o indivíduo faz do ambiente real (Portella, 2014). Ainda, segundo os estudos de Sigmund Freud (1996), padrões comuns de símbolos podem ser compartilhados entre pessoas de diferentes culturas devido ao 'inconsciente coletivo' que consiste em memórias de conhecimentos e experiências passadas de geração para geração numa área do inconsciente do cérebro. De acordo com Freud cada indivíduo já nasce com esse inconsciente formado, o qual, unido a experiências da primeira infância, tem grande influência na formação da nossa personalidade e comportamento (Collin & et al, 2012; Cordeiro, 2010).

Dentro do modo das representações gráficas que podemos utilizar para identificar elementos do imaginário urbano, destacam-se dois movimentos artísticos e literários: o realismo e o simbolismo, ambos surgidos no século XIX, na Europa. Os nossos olhos funcionam como câmeras fotográficas que filtram as informações através dos processos perceptivos e cognitivos, transformando-as em uma imagem que pode ser reproduzida através do desenho. Quando essa

representação retrata fielmente a realidade, inclui-se no Realismo, o qual se caracteriza pela representação fiel da vida urbana, com seus problemas e costumes. Como exemplo, citamos as famosas pinturas de Gustave Doré, artista francês, que retratam, com riqueza de detalhes, as condições de vida da capital inglesa no período Industrial de 1869 a 1871 (Pellegrini, 2007). Outro exemplo mais contemporâneo encontramos no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, onde em 2012 o artista português Alexandre Farto (conhecido como Vhils) talhou seis imagens de moradores locais nas paredes de algumas residências, representando fielmente suas expressões (Figuras 1.1A e 1.1B). Também, Vhils realizou uma oficina com as crianças da comunidade, juntamente com o fotógrafo Maurício Hora.

Como oposição ao Realismo, surge paralelamente o Simbolismo, no qual os artistas não se detinham mais a pintar a realidade, mas a

Morro da Providência no Rio de Janeiro. Imagem de um morador local talhada pelo artista Vhils em 2012

1.1A

Foto: Adriana Portella





1.1B Morro da Providência no Rio de Janeiro. Imagens talhadas pelo artista Vhils em 2012
Foto: Adriana Portella

representar, em suas obras, o sentimento dos personagens envolvidos na cena. Esse tipo de técnica requer a redução dos detalhes ao mínimo, mas, mesmo assim, mantém a ligação das formas e linhas representadas com o símbolo e informação desejados (Jaffé, 1997). Um exemplo clássico do simbolismo, nas artes plásticas, é a representação simples do contorno da pomba branca com o ramo de oliveira no bico; essa representação é reconhecida mundialmente como o símbolo da paz. Ao contrário do que muitos pensam, a representação da pomba branca não tem origem religiosa e é muito mais recente do que pensamos. Em 1949, com o nascimento da filha, o pintor espanhol Pablo Picasso faz o desenho de uma pomba com um ramo de oliveira apenas em contornos simples, sendo essa obra denominada de 'A Pomba' (originalmente, La Colombe de la Paix). Sua filha recebe então o nome de Paloma que, em espanhol, significa pomba, e a partir de então Picasso representa diversas variações desse desenho que são, até hoje, utilizadas em cartazes de congressos sobre a paz mundial. O primeiro deles - o Congresso da Paz Internacional - foi em Paris, em 1949, que utilizou, em seu cartaz, o primeiro desenho de Picasso sobre o tema, ligando eternamente o símbolo da pomba ao significado da paz. Esse artista já havia demonstrado fascinação por esse símbolo, já tendo representado a pomba no início de sua carreira, quando tinha apenas 19 anos, em sua



1.2 Vista da Favela do Vidigal no Rio de Janeiro, uma das favelas mais urbanizadas da cidade, que hoje passa por um processo de gentrificação
Foto: Adriana Portella

famosa tela a 'Menina com a pomba' de 1901 (Pereira, 2013).

Destaca-se que as representações gráficas de cenas de favelas são apresentadas, neste capítulo, de modo a serem identificados os aspectos simbólicos e realísticos reproduzidos nos desenhos. Buscamos, aqui, desvendar o imaginário coletivo de áreas urbanas em favelas, cujo objetivo foi identificar os elementos formadores dessas representações a partir da análise de desenhos feitos à mão livre (Figura 1.2).

Justificativa da importância do tema: arquitetura de favelas

Para justificar a escolha do tema 'arquitetura de favelas' primeiramente importa contextualizarmos a palavra favela e entendermos sua origem. A palavra favela se tornou um substantivo somente a partir de 1920, pois até então era somente o nome de uma planta no Sertão da Bahia que culminou por nomear o 'Morro da Favella', um local que foi utilizado como acampamento para soldados republicanos durante a Guerra de Canudos¹. Terminada a guerra, os soldados

retornaram à capital carioca em função da promessa do governo em conceder casas a essa população. Entretanto, essa promessa nunca foi cumprida e os soldados tiveram que construir suas próprias moradias nas áreas periféricas da cidade. O local escolhido foi o Morro da Providência (Figuras 1.3A e 1.3B), denominado inicialmente de 'Morro da Favella' por lembrar a situação de acampamento que eles vivenciaram durante a Guerra de Canudos. Desde então o termo favela perdeu um 'L' e se tornou o substantivo mais comum para definir aglomerações urbanas em morros, com infraestrutura precária e moradias construídas com materiais improvisados. Na verdade, a origem dessas comunidades, no Rio de Janeiro, se dá em virtude da falta de palavra do governo brasileiro com os soldados que, com suas vidas, lutaram para defender a república do Brasil (Jacques, 2001).

O tema 'arquitetura de favelas' foi escolhido para o estudo apresentado neste capítulo pela sua relevância histórica na paisagem

**1.3A**

Morro da Providência
Foto: Adriana Portella

1 A Guerra dos Canudos foi um conflito entre o Estado do Brasil e um grupo de cerca de 30 mil colonos que fundaram sua própria comunidade no Nordeste da Bahia, chamada Canudos. Depois de inúmeras tentativas infrutíferas de repressão militar, chegou a um final brutal em outubro de 1897, quando uma grande força do exército brasileiro invadiu a aldeia e matou quase todos os habitantes. Esta foi a guerra civil mais letal da história brasileira.





1.3B Morro da Providência
Foto: Adriana Portella

e no desenho da cidade, sendo essa importância reconhecida por obras que percorrem a literatura, o cinema, a arte e a música. Dentro das obras de representações gráficas mais conhecidas, destacam-se, na história da arquitetura e das artes, os desenhos de Le Corbusier em suas vindas ao Brasil e o quadro Morro da Favela de autoria de Tarsila do Amaral. Essas obras registram, no desenho, o cotidiano da vida brasileira, com foco nas áreas afastadas do centro da cidade e povoadas por uma brasilidade típica da cultura do nosso país.

Com seu caderno de croquis sempre à mão, Le Corbusier passa pelo Rio de Janeiro entre 1929 e 1936 e registra, em diferentes momentos, na técnica do grafite, a paisagem urbana que mais lhe chama a atenção – o Morro do Santo Antônio (Figura 1.4). Um dos seus desenhos possui dedicatória à Tarsila do Amaral e retrata, em uma única cena, o Pão de Açúcar, o Morro do Corcovado e os Arcos da Lapa. Nesse desenho, em primeiro plano identificamos a representação de uma típica moradora do morro daquela época que equilibra, em sua cabeça, um elemento que remete a uma bacia de roupas, sendo logo a seguir, ilustrado a partir de linhas simples de contorno, um casario antigo e os Arcos da Lapa, ambos representando a cidade vista do morro e, por fim, em último plano, a paisagem natural com destaque ao Pão de Açúcar e ao Morro do Corcovado; ambos elementos caracterizadores, até hoje, do imaginário urbano da capital carioca. Infelizmente, na atualidade não teríamos a chance de nos posicionarmos no mesmo lugar onde Le Corbusier deslumbrou essa

**1.4**

Croqui de Le Corbusier do Morro do Santo Antônio no Rio de Janeiro (1936)
Fonte: Queiroz, 2013.

paisagem, já que, em 1950, o Morro do Santo Antônio foi removido para dar lugar ao conhecido Aterro do Flamengo (Guerra, 2003).

Tarsila do Amaral, em suas obras, as quais também retratam a vida cotidiana do Brasil, destaca-se por suas formas cubistas, simbolismo e abstração, unificadas as cores definidas por ela como brasilidade - as cores puras e caipiras de um Brasil que buscava o embelezamento de suas cidades. Já tendo se tornado uma artista do Movimento Modernista Brasileiro, na fase de suas obras denominada como pau-brasil (de 1924 a 1928), Tarsila, em 1924, apresenta-nos a tela 'Morro da Favela' (Figura 1.5). Nessa obra, retrata a realidade brasileira da época quando, em função da reestruturação do centro histórico da cidade do Rio de Janeiro numa fase denominada 'embelezamentos', a fim de atrair investimentos, as populações mais pobres, em maioria antigos escravos e seus descendentes, foram expulsos da cidade consolidada e, nos morros, abrigaram-se, formando comunidades que deram origem ao que denominamos hoje de favelas. O quadro se revelou como uma denúncia à marginalização das classes mais desfavorecidas, num período pouco após a abolição da escravatura. Essa obra foi oferecida por Tarsila à Blaise Cendrars, poeta francês que colocou o 'Morro da Providência', conhecido antigamente como 'Morro da Favella', na rota das viagens de artistas e arquitetos modernistas (Matos, 2010).

1.5

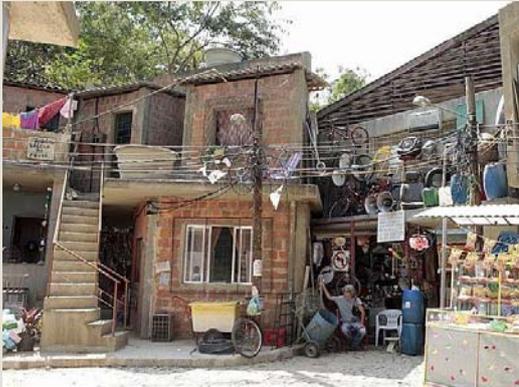
Morro da Favela, óleo sobre tela, 64 por 76 cm.
Tarsila do Amaral, 1924
Fonte: disponível em <http://galeriadefotos.universia.com.br/index.php/gallery/view/179/Obras-de-Tarsila-do-Amaral>; acessado em 30.12.2016



Desenhando a favela

A partir da concepção segundo a qual desenhos nada mais são do que o registro da percepção da paisagem e da cultura de uma época, são analisadas diferentes representações de um mesmo objeto, tendo como tema a arquitetura de favelas. Diferentes fotografias de favelas do Rio de Janeiro foram trabalhadas por alunos da graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Estes por meio da técnica de representação gráfica a nanquim, representaram os elementos que mais lhes chamavam a atenção em cada imagem. Também, foram realizadas colagens digitais sobre os desenhos produzidos. A discussão sobre essas obras se torna importante à medida que algumas representações foram extremamente realistas, destacando a situação observada da forma mais real possível, enquanto outras se aproximaram do simbolismo, onde vários elementos foram abstraídos das imagens, deixando prevalecer a ideia principal e caracterizadora da cena. Esse trabalho possibilitou a identificação dos elementos que, representados na maioria dos desenhos, fazem parte do imaginário coletivo. A identificação dos elementos comuns, caracterizadores das favelas, assim como daqueles que apenas em alguns desenhos estão presentes, abrem uma discussão para o que na psicologia ambiental é debatido: a imagem que temos do mundo real varia de pessoa para pessoa e muitos dos elementos formadores dessa imagem estão ligados ao referencial de cada indivíduo como o seu 'background', experiência de vida, viagens já realizadas e outras variáveis já identificadas por estudiosos como Kevin Lynch (1960), Gordon Cullen (1995), Jon Lang (1988).

O estudo baseou-se na busca do imaginário coletivo das favelas a partir de oito fotografias, as quais, quando observadas por um grupo de 16 estudantes, foram representadas à mão livre a partir da técnica a nanquim e colagem digital. Cada aluno escolheu as fotografias com as quais gostaria de trabalhar, sendo essa a primeira etapa metodológica do estudo: deixar a escolha ser guiada pela percepção individual do desenhista de quais imagens refletiam com mais evidência a vida nas favelas. As fotografias utilizadas, neste estudo, foram selecionadas pela autora, numa busca exploratória na internet com o objetivo de identificar imagens com diferentes temáticas representativas da vida no morro, conforme descrito a seguir:



O Abrigo: retrata a arquitetura da bricolagem, que se caracteriza pelo acaso e incompletude, formada por materiais que restaram da cidade formal, latões, pedaços de madeira e tijolos obtidos em lixões e restos de canteiros de obra.

Foto: disponível em <https://br.pinterest.com/agnhes/labfavela-and-its-beauty-or-ugliness/>, acessado em 30.12.2016



A Vista do Casario: reflete a vista que o morador tem de sua vizinhança, do lugar onde vive, caracterizada pela arquitetura da bricolagem, aquela que nunca termina, sempre está a se desenvolver.

Foto: disponível em http://desciclopedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_metropolitana, acessado em 30.12.2016



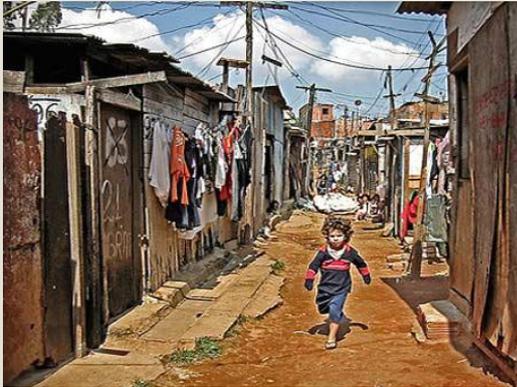
A Vista do Morro: mostra a vista do morador para seu entorno, formado por morros cobertos pelo casario que funciona como abrigo e paisagem construída sob o relevo natural da cidade.

Foto: disponível em http://favelacores.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html, acessado em 30.12.2016



O Arco-Íris: ressalta a revitalização urbana através das cores. Este tema é representado pelo trabalho do 'Favela Painting', no qual dois artistas holandeses junto com a comunidade local propuseram o arco-íris sobre o casario. Uma forma de resgate da vida.

Foto: disponível em <http://www.favelapainting.com/>, acessado 30.12.2016.



A Rua: representa a típica ruela, encontrada em várias favelas, onde a bricolagem constitui as paredes do espaço público apropriado por crianças e pela vida cotidiana, com suas roupas penduradas nos varais das fachadas.

Foto: disponível em <http://www.zwartzusters-bethel-brugge.be/brazilie.html>, acessado em 30.12.2016.



As Crianças: retrata o contraste das cores e a vida das crianças que emergem de uma fenda na arquitetura da bricolagem que se constrói em ruas abandonadas de infraestrutura urbana.

Foto: disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2010-06-13/favela-do-mandela>, acessado em 30.12.2016.



O Policial: no processo de pacificação de muitas favelas, a força policial, muitas vezes, é fotografada como um agente externo à comunidade.

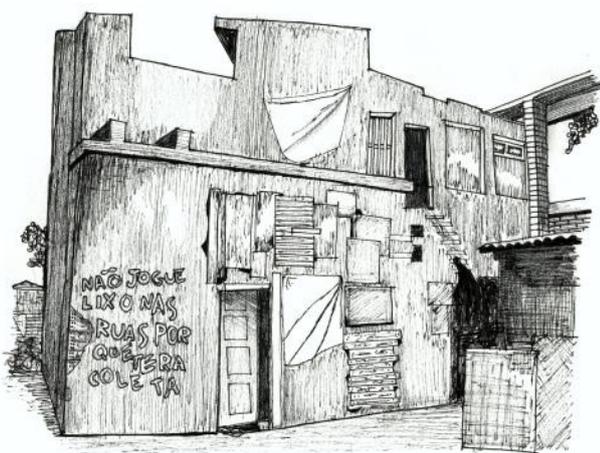
Foto: disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Policiais_occupam_Complexo_do_Alemao.JPG, acessado em 30.12.2016.



O Teleférico: reflete a cidade formal chegando na favela, a modernização que auxilia os moradores a acessar a cidade, mas também traz consigo os turistas que, muitas vezes, atuam como invasores de uma sociedade local.

Foto: disponível em <https://snowmaniacs.wordpress.com/tag/medalhas-em-sochi/>, acessado em 30.12.2016.

Oito temáticas foram identificadas nas fotografias, sendo que em virtude da escolha dos desenhistas pelas fotos ser livre, alguns temas geraram mais desenhos do que outros: 'O Abrigo' originou 10 desenhos; 'A Vista do Casario', oito desenhos; 'A Vista do Morro', sete desenhos; 'O Arco-Íris', seis desenhos; 'A Rua', cinco desenhos; 'As Crianças' e 'O Policial', três desenhos cada; e 'O Teleférico', dois desenhos. As escolhas da maior parte dos participantes foram direcionadas principalmente às fotografias que retratavam a estrutura urbana, formada pelas habitações e vistas do morro e para o morro. As fotos que retratavam crianças brincando nas ruas, policiais caminhando e o teleférico foram escolhidas por um menor número de usuários, o que demonstra que o grupo de futuros arquitetos e urbanistas tente a direcionar o olhar para o abrigo, a habitação no seu estado mais precário, sem pintura, sem revitalização. Colagens digitais sobre os desenhos produzidos foram realizadas por alunos do mesmo curso, com o intuito de salientar graficamente os elementos que marcam a imagem que eles possuem da favela (Figuras 1.6 a 1.25).



1.6 Croqui - O Abrigo
Autora: Acrícia Colemberg



1.7 Croqui - O Abrigo
Autor: Fabio Zucco



1.8 Croqui - O Abrigo
Autora: Cássia Kozloski



1.9 Croqui - O Abrigo
Autora: Julia Robalto



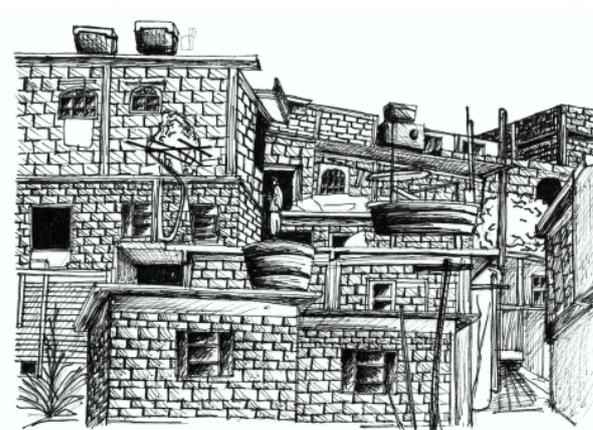
1.10 Colagem sobre o tema O Abrigo
Autoras: Laura Cezar e n.d



1.11 Croqui - A Vista do Casario
Autora: Morgana Magarinos



1.12 Croqui - A Vista do Casario
Autora: Cássia Kozloski



1.13 Croqui - A Vista do Morro
Autora: Michele Guidotti



1.14 Croqui - A Vista do Morro
Autora: Cassia Kozloski



1.15 Croqui - O Arco-íris
Autora: Morgana Magarinos



1.16 Croqui - O Arco-íris
Autora: Julia Robaldo



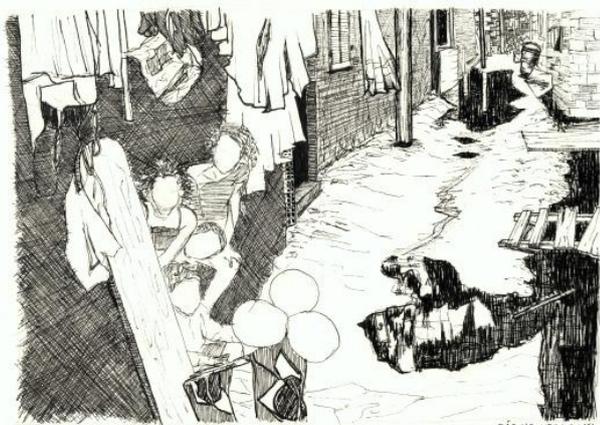
1.17 Colagem sobre o tema O Arco-íris.
Autoras: Morgana Magarinos e
Laura Cezar



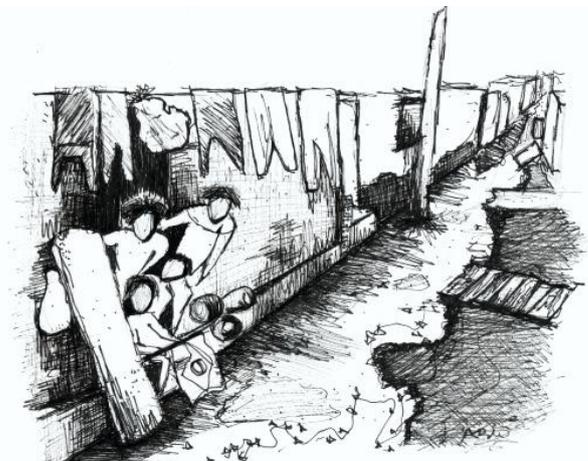
1.18 Croqui - A Rua
Autora: Cássia Kozloski



1.19 Colagem sobre o tema A Rua
Autoras: Cássia Kozloski e
Laura Cezar



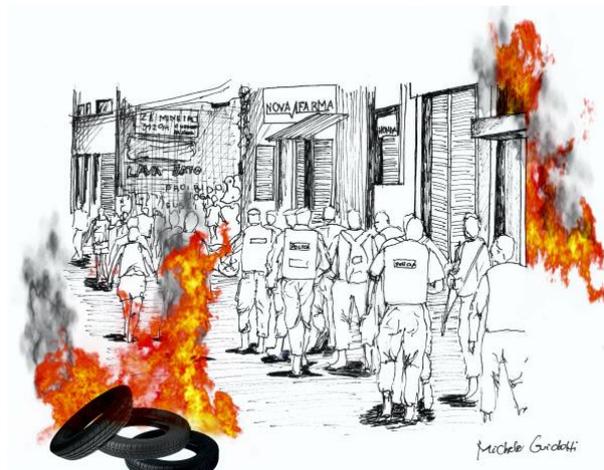
1.20 Croqui - As Crianças
Autora: Michele Guidotti



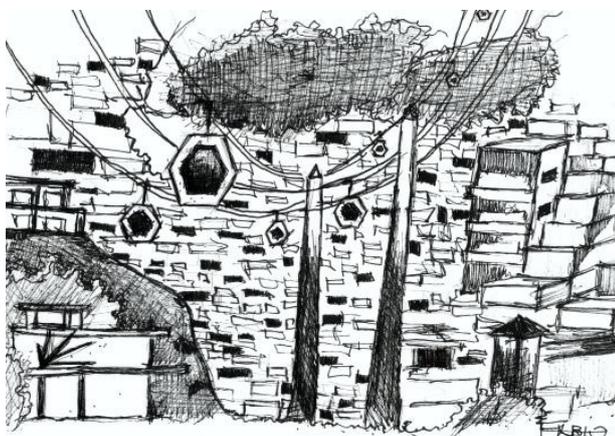
1.21 Croqui - As Crianças
Autor: Fabio Zucco



1.22 Croqui - O Policial
Autora: Michele Guidotti



1.23 Colagem sobre o tema O Policial
Autoras: Michele Guidotti e Laura Cezar



1.24 Croqui - O Teleférico
Autor: Fabio Zucco



1.25 Croqui - O Teleférico
Autora: Morgana Magarinos

Conclusão

Os resultados alcançados revelam que os estudantes de arquitetura e urbanismo possuem uma tendência, em função da graduação que estão cursando, a relacionarem a ambiência das favelas com o objeto físico da moradia, sendo esse elemento o mais detalhado na maioria dos desenhos. Os detalhes dessas representações chegam aos níveis mais extremos da precisão, podendo ser classificadas como realismo. Elementos como pessoas, carros, vegetação e mobiliário urbano são completamente estilizados, se não eliminados dos desenhos.

Um fator relevante foi que o trabalho realizado junto com os alunos ocorreu no período em que se iniciou o processo de pacificação das favelas no Rio de Janeiro, quando as UPPs estavam sendo instaladas, sendo esse assunto presente diariamente na mídia televisiva e impressa. Entretanto, a fotografia que retrata a presença da polícia na favela foi reproduzida apenas três vezes, dentro de um universo de 45 desenhos realizados pelos discentes. Esse episódio naquele momento ainda não fazia parte da imagem que eles possuíam da favela no Brasil. Além disso, muitos alunos identificaram a presença dos policiais como intrusos naquele meio urbano vernacular já consolidado.

A importância do estudo do imaginário urbano se confirma com o apoio da FAPERGS-CAPES e CNPQ para este projeto, demonstrando que as favelas emergem atualmente como locais importantes no estudo do simbolismo e cognição do usuário com a cidade.

Por fim, aqui destacamos os alunos, que fizeram parte do exercício de desenho a nanquim, da Universidade Federal de Pelotas, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na disciplina Técnicas de Expressão e Representação Gráfica 2. Sem eles, esse trabalho seria impossível: Acrícia Colemberg, Arthur Albuquerque, Camila Bender da Silva, Cássia Kozloski, Ester Marques, Fábio Zucco, Julia Robaldo, Juliana Höfler, Micheli Guidotti, Morgana Magarinos, Paula Zottis Junges e Vitória Ávila.

Bibliografia

Bartuska, T. J. & Young, G. L. (1994). *The Built Environment Creative Inquiry Into Design and Planning*. Califórnia: Crisp Publications, 1994.

Collin, C., Grand, V., Benson, N., Lazyan, M., Ginsburg, J. & Weeks, M. (2012). *O livro da Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

Cordeiro, E. F. (2010). *O inconsciente em Freud*. Web Artigos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-inconsciente-em-freud/46925/>. Acessado em 13.02.2015.

Cullen, G. (1995). *Concise Townscape*. New York: Routledge.

Fischer, G. N. (1997). *Individuals and environment: a psychosocial approach to workspace*. New York: Gruyter.

Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Volume XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.

Golledge, R. G. & Stimson, R. J. (1996). *Spatial Behavior: a geographic perspective*. Nova York: Guilford Press.

Guerra, A. *FavelaConnects* (1). (2003). *Arquitextos Vitruvius*. n.032.03, ano 03, janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/714>. Acessado em 04.01.2017.

Jacques, P. B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Jaffé, A. (1997). *El simbolismo en las artes visuales*. Jung, C (Org.). *El hombre y sus símbolos*. Tradução de Luís Escobar Bareño. Barcelona: Editorial Luís de Caralt.

Lang, J. (1988). *Creating Architectural Theory*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Lynch, K. (1960). *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.

Matos, J. S. (2010). As estruturas do cotidiano brasileiro na obra de Tarsila do Amaral. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 85-102. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2287>. Acessado em 13.02.2016.

Nasar, J. L. (1988). *Environmental aesthetics: Theory, research and applications*. Cambridge: University Press.

Passini, R. (1992). *Wayfinding in Architecture*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Pellegrini, T. (2007). Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*. 42 (4). Porto Alegre: PUC. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119/3120>. Acessado em: 13.02.2015.

Pereira, L. S. A. (2013). *A imagem como linguagem: linguagem visual e seus elementos básicos*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade de Brasília: Brasília.

Portella, A. (2014). *Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality*. London: Ashgate.

Queiroz, R. (2013). *Le Corbusier, Paisagem do Rio de Janeiro, 1936*. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/le-corbusier-paisagem-do-rio-de-janeiro-1936-por-rodri-go-queiroz>. Acessado em 13.02.2015.